

Iniciação científica e a Intercom: ponto de vista de uma jurada

Maria das Graças Targino*

1 Introdução

Dentre as iniciativas da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), destaca-se a *Jornada de Iniciação Científica em Comunicação Científica* ou INICIACOM. Implementada em 1991, e realizada a cada ano, segundo regulamento próprio¹, destina-se a premiar os melhores trabalhos produzidos por alunos-pesquisadores de graduação em Comunicação Social, incluindo os que são considerados de *iniciação científica* (IC) pelas agências de fomento nacionais e textos gerados ao longo de disciplinas. Num primeiro momento, todos os *papers* encaminhados são analisados, no mínimo, por três especialistas de diferentes instituições brasileiras, que determinam três finalistas para cada habilitação – Jornalismo; Relações Públicas; Publicidade e Propaganda; Produção Editorial; Radialismo (Rádio e TV); Cinema e Vídeo, acrescentando-se Estudos Interdisciplinares da Comunicação e trabalhos sobre o tema atual do congresso anual da Intercom.

Aos finalistas compete a apresentação oral de sua pesquisa, na INICIACOM, uma das atividades do congresso, com a ressalva de que o processo de avaliação incorpora parâmetros definidos. No caso dos textos escritos, consideram-se a relevância do tema para a Comunicação e a sociedade; a qualidade do referencial teórico-metodológico; a representatividade do universo e/ou da amostra; a pertinência dos procedimentos de coleta de dados; a adequação da análise descritiva e interpretativa dos dados; o rigor dos resultados; a consistência das conclusões e sugestões; a clareza de linguagem e correção gramatical; a pertinência do título; a utilização correta de citações e referências bibliográficas e ilustrações. Quando da exposição oral e pública, observam-se a distribuição equilibrada na apresentação das etapas do trabalho; a capacidade de síntese; a clareza de linguagem; o uso correto do idioma e do vocabulário técnico; a desenvoltura oral; a qualidade dos recursos audiovisuais; o cumprimento do tempo estabelecido para a apresentação; o nível de qualidade das respostas dadas ao Júri.

* Maria das Graças Targino é professora visitante da Universidade Federal do Piauí, doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB)

¹ O regulamento da INICIACOM pode ser obtido mediante contato com o presidente da Comissão Organizadora, Prof. Dr. Adolpho Queiroz, e-mail: dolpho.queiroz@merconet.com.br

Desde 1995, o Grupo Pão de Açúcar atua como patrocinador institucional da INICIACOM, concedendo o *Prêmio Pão de Açúcar de Incentivo à Pesquisa de Graduação em Comunicação Social* para os vencedores nas várias especialidades, o qual compreende, além de uma quantia em dinheiro para aluno e orientador, a publicação dos *papers*. O fato é que, a cada ano, registra-se um número crescente de trabalhos inscritos, o que justifica as reformulações contínuas da sistemática original em busca de agilidade e qualidade. São dados concretos que evidenciam a importância da INICIACOM e a força das academias, sociedades e associações científicas na difusão do saber científico, particularmente, a Intercom, que vem contribuindo de forma decisiva na formação do comunicólogo brasileiro.

Diante do exposto, pretende-se, de forma sucinta, documentar nossa experiência enquanto membro do Júri da INICIACOM durante dois anos consecutivos, traçando comentários sobre a IC, aliando, para tanto, a vivência enquanto docente de disciplinas voltadas para a pesquisa científica em universidades brasileiras e orientadora de trabalhos de iniciação científica.

2 Jornada de iniciação científica em comunicação científica

A iniciação científica pressupõe três elementos: aluno, professor-orientador e condições de trabalho (Zakon, 1989). Sem reforçar a visão estereotipada do “*cientista maluco*”, acredita-se que aluno e professor, enquanto pesquisadores, necessitam de pré-requisitos pertinentes à aptidão, a traços de personalidade, interesses e motivações, experiências e *background*. A este respeito, estudo realizado pelo *Centro de Estudos e Pesquisas Psicológicas Aplicadas à Educação* (CEPAC), ainda em 1975, sobre os traços psicológicos do pesquisador, com base em estudo biográfico de personalidades famosas e no acompanhamento de 1.450 crianças, mostra que este necessita de **aptidão**, concebida como a conjunção de itens, dentre os quais nível intelectual elevado ou mediano; interferência de estímulos externos; habilidade para integrar conceitos remotamente associados; capacidade para interpretar o conteúdo semântico nas operações intelectuais e criatividade elevada, reiterando a tendência de supervalorizar o profissional criativo e inventivo.

No que concerne à **personalidade** do pesquisador, o CEPAC considera relevante: (a) curiosidade intelectual; (b) sentimento de independência/autonomia; (c) necessidade de comunicação no que se refere à vida profissional; (d) capacidade de conviver com o novo; (e) ausência de repres-

são, porquanto esta é o mais forte empecilho para a criatividade; (f) senso de humor para enfrentar contratempos e adversidades; (g) perseverança; (h) ordenação mental; (i) tolerância. Quanto aos interesses e motivação, a grande maioria manifesta curiosidade relativamente precoce pelo mundo “mágico” da ciência, aliada à amplitude de interesses e à autoconfiança intelectual, elementos essenciais à predisposição para aprender e descobrir. Quase sempre, são pessoas que demonstram satisfação com a vida profissional e intensa dedicação ao trabalho, ainda que, como qualquer mortal, necessitem de um ambiente de trabalho propício e amigável, que lhes favoreça experiências diversificadas, com a ressalva de que o *background* cultural e familiar é fundamental para qualquer cientista.

E, de fato, o contato com os alunos-pesquisadores da INICIACOM confirma estas premissas. A criatividade, por exemplo, está presente desde a seleção dos temas (estudo de recepção de programas televisivos infantis dentre crianças portadoras de deficiência mental; análise psico-social do comportamento de consumidores; abordagem sobre *marketing* esportivo, dentre muitos outros) até a forma de apresentação, quando recorrem a equipamentos modernos e recursos diversificados, como vídeos, *slides* e filmes. É visível dentre os participantes, a facilidade de comunicação; a curiosidade intelectual; a flexibilidade com que enfrentam sugestões; o senso de humor com que recebem os resultados e a obstinação como prosseguem em suas investigações, com casos de alunos que se inscrevem em anos sucessivos.

Por outro lado, suas motivações, explicitadas em contatos e conversas informais, coincidem com as dos demais iniciantes em pesquisa científica. Estão incluídas em duas categorias, reiterando Meadows (1999). A primeira agrupa motivos de ordem pessoal: desejo de crescimento intelectual; possibilidade de ingresso na carreira acadêmica; garantia de ascensão profissional; possibilidade de remuneração; chance de prestígio e sucesso; e a própria pressão acadêmica e institucional que impera dentro das instituições, condenando ao limbo os improdutivos. Aliás, o *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica* (PIBIC), mantido há 10 anos, com inegável sucesso, pelo *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq, 1999, p.2), apregoa, literalmente, em seu manual: “*A iniciação científica – IC – é um instrumento que permite introduzir os estudantes de graduação, potencialmente mais promissores (grifos nossos), na pesquisa científica...*” Em outras palavras, a IC, como apoio teórico e metodológico à execução de projetos de

pesquisa, atua como instrumento de formação de uma nova mentalidade do alunado, o que a eleva à condição de atividade mais e mais valorizada no cenário nacional.

Enquanto isto, a segunda categoria de motivações incorpora preocupações de natureza científica, em que o mais importante é o amor à ciência, representado por alternativas, tais como: consciência profissional como aluno-pesquisador; desejo de provocar debates e pôr à prova suas idéias; interesse genuíno no desenvolvimento da ciência ou na área de estudo; possibilidade de interferir no processo decisório.

Orientação

Além das características intrínsecas ao aluno, é vital o processo de orientação, sobre o qual muito se tem escrito, face à dificuldade de se estabelecer diretrizes estáticas. Se alguns pontos são consensuais entre os envolvidos, incluindo os participantes da INICIACOM – o orientador deve ter experiência; ser professor de tempo integral e dedicação exclusiva, preferencialmente, com doutorado concluído – no plano comportamental, os orientadores mantêm formas de atuação diversificadas:

“Uns são pacientes, outros afoitos; uns são benevolentes, outros zangados. Alguns vetam sucessivamente até que os alunos consigam chegar finalmente por conta própria à solução correta. Outros quase chegam a fazer o trabalho do aluno. Naturalmente, alguns têm mais tempo ou mais disposição para gastá-lo com seus alunos. É importante que o aluno conheça antecipadamente as regras do jogo e as idiossincrasias do seu orientador.” (Castro, 1978, p.326).

De qualquer forma, é preciso que o orientador pense no orientando como um todo, considerando as três faces componentes de uma personalidade - racional, afetiva e emotiva -, a fim de que se estabeleça uma parceria fundamentada na confiança e no respeito mútuos, dentro dos limites determinados pelo bom senso, a fim de que o bom relacionamento pessoal e a afinidade não comprometam o andamento da IC. Além do domínio da temática, cabe ao orientador exercer, muitas vezes, papéis distintos, como o de professor de português e de estatística, bibliotecário, psicólogo, uma vez que a iniciação científica gera expectativas e incertezas. Cabe a ele propor e dinamizar linhas de pesquisa, além de analisar a viabilidade e a

importância dos temas propostos pelos discentes, dentro de uma visão contextual nacional/ regional/local. Também é figura decisiva para, diante da dificuldade crescente de se pesquisar em campos "*virgens*", buscar com o orientando novas formas de abordagem e novas facetas, que atinjam soluções criativas e originais, favorecendo o estudo dos fatos e fenômenos.

Na realidade, o professor-orientador é peça-chave na INICIACOM. Em termos ideais, formula e estabelece parâmetros, alguns dos quais formalizados por Castro (1978) e Tyler (1994): (a) planejamento prévio quanto à sistemática da orientação, incluindo horários, duração das entrevistas, cronograma de tarefas etc.; (b) estímulo a discussões técnico-científicas, evitando interferências subjetivas; (c) apoio a possíveis divergências de opinião, porquanto ao orientador não compete doutrinar ou catequizar; (d) ênfase à responsabilidade do iniciante em pesquisa científica, como genuíno autor dos seus trabalhos.

No entanto, poucos professores têm acompanhado seus alunos no momento da apresentação pública durante a INICIACOM. E mais, alguns textos inscritos denunciam descomprometimento do docente-orientador. Contêm incorreções de português, erros em questões estruturais e formais, e o que é mais grave, imprecisões de ordem metodológica, mesmo quando se sabe que, uma das maiores dificuldades para o iniciante na pesquisa científica, são as definições metodológicas. Decerto, isto pode decorrer do acúmulo de tarefas ou do número excessivo de orientações. Talvez, a limitação de três trabalhos, no máximo, por orientador, permita ao docente e discente vivenciarem uma experiência plena, do ponto de vista profissional e pessoal. Em outras palavras, é preciso que o professor acompanhe a execução dos projetos, avaliando-os criticamente em todos os seus aspectos - éticos, lógicos e formais -, não apenas para assegurar o caráter institucional da orientação, mas sobretudo, como forma de elevar o nível de qualidade dos trabalhos de IC, auxiliado, quiçá, por comitês internos em suas instituições.

Autoria

Também ainda vinculada à questão da orientação, urge maior cuidado no que concerne à autoria. Consensualmente, vincula-se o mérito científico à orientação adequada, individual e continuada (CNPq, 1999). Desta forma, é questionável a constituição de equipes de pesquisa à semelhança de mutirões, o que justifica a fala de um dos concorrentes ao Prêmio Pão de

Açúcar, em 1998: “...reconheço que no nosso grupo, poucos trabalharam, e o mais pesado recaiu nos ombros de um só ou se muito, dois...”, ressaltando-se que se trata de uma equipe com mais de cinco membros.

Quando não se tem a autoria individual, os projetos integrados, incentivados pelas agências de financiamento brasileiras e estrangeiras, demandam planejamento consistente. É preciso discutir, com profundidade, suas vantagens e desvantagens, delimitando, com rigor, critérios a serem seguidos, como: número máximo de autores, justificativas da inclusão dos co-autores, distribuição equitativa das tarefas e, sempre, acompanhamento e avaliação individuais. Caso contrário, estar-se-á fortalecendo o parasitismo intelectual, relegando o princípio básico da autoria, segundo o qual, o autor é quem participa efetivamente de todas as etapas do trabalho, de natureza intelectual, e conseqüentemente, desvirtuando a INICIACOM.

Condições de Trabalho

O CNPq (1999) é categórico quando coloca a iniciação científica como dever da instituição e não atividade eventual, esporádica ou assistemática, o que permite tratá-la em separado da bolsa de iniciação científica. Como dito antes, a IC é um instrumento básico de formação, enquanto a bolsa de iniciação científica e o Prêmio Pão de Açúcar são incentivos individuais, o que significa afirmar que a IC é uma atividade bem mais abrangente do que sua realização mediante o pagamento de uma bolsa ou de um prêmio, mas ambos devem obedecer a critérios de distribuição, para evitar que se forjem falsas vocações.

Sob tal perspectiva, a Intercom, através da divulgação sistemática da INICIACOM junto às universidades brasileiras, espera envolvê-las mais e mais, o que vai além do acompanhamento da execução da pesquisa pelo professor-orientador. Envolve a responsabilidade institucional de capacitar seu pessoal, através da formação profissional adequada, em nível de graduação e pós-graduação; da possibilidade de atualização profissional permanente; da liberdade de trabalho e de salários compatíveis. Isto porque, diante da crise financeira que atinge, frontalmente, os professores universitários, estes, insatisfeitos com seus salários e com a desvalorização das causas do ensino, em geral, não possuem incentivos de foro íntimo para assumir novas funções e encargos. E o orientador é mais que um professor. É, essencialmente, um desencadeador de mudanças, assumindo papel decisivo na formação de vocações no campo da pesquisa científica, dentro do previsto

por Tsallis (1985, p. 572), para quem: *“A pesquisa nas universidades não é um mal necessário, não é um bem desnecessário, ela é o germe da evolução, ela é um bem impreterível e profundamente necessário!”*.

3. Palavras finais

É preciso que mais sociedades científicas rompam com o preconceito de que o aluno de graduação não constitui prioridade em sua linha de ação, e planejem atividades similares a INICIACOM, colaborando com as instituições brasileiras de ensino superior na formação de “cérebros”. É urgente incentivar o potencial científico dos discentes a partir da graduação. É este o estágio mais propício para começar a preparação de um cientista capacitado: *“Não se inventam cientistas. Eles existem, sob forma latente, nos seres humanos. Esta forma latente pode, ou não, vir a se desenvolver”* (Guerra, 1986, p. 1860), dependendo das oportunidades e incentivo que lhe são oferecidos o mais cedo possível.

Em suma, o convívio com os alunos-pesquisadores da INICIACOM representa experiência rica e gratificante, até porque, na condição de orientadora de projeto de IC, transcorridos alguns anos, uma carta recebida há poucos dias de um ex-orientando traz a certeza de que vale a pena prosseguir: *“...as palavras não bastam para externar minha gratidão pela participação em um sonho acalentado em meio a momentos tão árduos e obstáculos tão diversos. Sou grato, sobretudo, por ter me ensinado que existe um amplo horizonte e não apenas um chão de pedras e espinhos. Erguer a cabeça e elevar o espírito para contemplar a beleza do horizonte foi a lição maior que recebi de uma orientadora que se fez amiga...”*

4 Referências bibliográficas

CASTRO, C. M. Memórias de um orientador de tese. In: NUNES, E. de O. (Org.) *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 331p. p.307-326.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOLÓGICAS APLICADAS À EDUCAÇÃO (CEPAC). Uma abordagem psicológica do cientista. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 82-103, abr./jun. 1975.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)*. [on-line] Disponível na Internet via <http://www.cnpq.br/>

- pibic/manual.htm. Arquivo capturado em 12 de outubro de 1999.
- GUERRA, M. de O. Capacitação científica para a pesquisa em universidade de pequeno porte: pontos de vista de um pesquisador universitário. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 38, n. 11, p. 1859-1864, nov. 1986.
- MEADOWS, A. J. *Communication research*. San Diego: Academic Press, 1999. 266 p. (Digitado).
- TARGINO, M. das G., MAGALHÃES, L. *Projetos experimentais no ensino de comunicação*. Teresina: Ed. do Autor, 1993. 144 p.
- TSALLIS, C. Por que pesquisa nas universidades?. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 570-572, abr. 1989.
- TYLER, L. E. *La función del orientador*. México: Trillas, 1994. 359 p.
- ZAKON, A. Qualidades desejáveis na iniciação científica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 41, n. 9, p. 868-877, set. 1989.

Comunicação & Sociedade

Revista semestral de Ciências
da Comunicação, integrante do Programa de Pós-
Graduação em Comunicação Social da Universida-
de Metodista de São Paulo.

Artigos, comentários, relatos de pesquisa
e resenhas de obras.

A revista acolhe textos inéditos de pesquisadores
do Brasil e do Exterior.



Edição

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Rua do Sacramento, 230 - Edifício Iota - Rudge Ramos - 09735-460 São Bernardo do Campo - SP

Fone: (55XX11) 4366-5883 / 4366 5550 - Fax: (55XX11) 4366-5817

E-mail: publicom@metodista.br

Pedidos de permuta e exemplares avulsos

Editora Universitária

Rua do Sacramento, 230 - Rudge Ramos - 09735-460 São Bernardo do Campo - SP

Fone: (55XX11) 4366-5599 / 4366-5537 - E-mail: editora@metodista.br

RESENHAS DE LIVROS

